

O Experimentado e o Imaginado: os registros culturais manifestados na paisagem

Carlos Gonçalves Terra, Escola de Belas Artes/UFRJ

Em geral, a paisagem, enquanto espaço urbano, não frequenta os “rituais da historiografia canônica”, fica mais agregada à historiografia da arquitetura, expurgando a questão artística, que nela possa estar presente. Ao analisarmos e estudarmos a paisagem é necessário ter em mente que a cada dia ela se torna mais complexa devido aos diversos sentidos que a ela atribuímos. As transformações da paisagem que ocorreram no Rio de Janeiro no início do século XX, de certa forma, se repetem no início do século XXI. O *Boulevard Olímpico* que vai da Praça XV de Novembro, passa pela Praça Mauá e continua pelo cais do Porto integrou novas possibilidades para as artes. O que nos resta refletir é até quando essas obras permanecerão ali já que esses registros tendem a desaparecer e ficar somente na nossa memória. Assim, “o imaterial que está sendo encarnado” no novo espaço do centro, passando a ideia de que o Rio de Janeiro consegue unir a sua beleza natural, com uma concepção de cidade feita para flunar e, ao mesmo tempo, antenada com a arte contemporânea.

Palavras-chave: Paisagem; *Boulevard Olímpico*; Rio de Janeiro

*

In general, the landscape, as an urban space, does not attend the “rituals of canonical historiography”, stay more aggregated to the historiography of architecture, expurgating the artistic question that may be present in it. When analyzing and studying the landscape it is necessary to keep in mind that each day it becomes more complex because to the different senses that we attribute to it. The transformations of the landscape that occurred in Rio de Janeiro in the early of the 20th century, to a certain extent, are repeated at the beginning of the 21st century. The Olympic Boulevard, which goes from Praça XV de Novembro, passes through Praça Mauá and continues along the docks, integrating new possibilities for the arts. What we should reflect is how long these works will remain in there, as these records tend to disappear and remain only in our memory. Thus, the “immaterial being incarnated” in the new downtown area, passing the idea that Rio de Janeiro manages to unite its natural beauty, with a conception of city made to “flunar” and at the same time, integrated with contemporary art.

Keywords: Landscape; Olympic Boulevard; Rio de Janeiro

O conceito de paisagem a cada dia se torna mais complexo devido aos diversos sentidos que a ela atribuímos. Diferentes campos de investigação como a geografia, a história da arte, a história da cultura, a literatura, a ecologia, entre muitos outros, se servem da paisagem com conceitos próprios, cada um mantendo a raiz de sua estrutura. Autores como Alain Roger (1997) trabalharam bastante bem com a distinção léxica em relação à palavra e suas relações com a pintura, já que a sua representação teve uma longa duração.

Javier Maderuelo nos lembra de que o vocábulo paisagem é um termo moderno, um conceito que começa a se estruturar na Europa a partir do século XVI, antes desta época não existia esta expressão. Cabe ressaltar que ela não é um objeto físico, mas uma construção mental. Como diz Maximiano “a noção de paisagem está presente na memória do ser humano antes mesmo da elaboração do conceito. A ideia embrionária já existia baseada na observação do meio” e ainda Milton Santos nos faz recordar que a paisagem é tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança e que é formada por volumes, cores, movimentos, odores, sons etc. Assim, no Egito os jardins foram pintados nas paredes dos túmulos, registrando uma vegetação diversificada e utilizada naqueles espaços. Mais tarde o Império Romano também criou em suas residências paisagens decorativas, onde a natureza era representada com uma exuberância extraordinária.

Para Augustin Berque a noção do vocábulo é uma elaboração cultural “não existe sempre e em todo lugar”, “houve civilizações não paisagísticas – civilizações em que não se sabia o que é a paisagem”. O autor formula quatro critérios para identificar se uma civilização é (ou não) paisagística: a) uso de diversas palavras para defini-la; b) uma literatura (oral ou escrita) que a descreva ou cante sua beleza; c) ter representações artísticas de suas paisagens e; d) possuir jardins para fruir e deleitar-se com suas belezas.

Para Daniels & Cosgrove (1988) uma paisagem é uma imagem cultural, uma maneira pictural de representação, estruturando ou simbolizando arredores. Ela pode ser representada em uma variedade de materiais e em muitas superfícies – pintada em telas, escrita em papel ou elaborada com terra, pedra, água e vegetação sobre o solo.

Sua representação manifesta-se, mais efetivamente, na pintura executada pelos artistas flamengos do século XV e pelos pintores italianos como Fra Angélico, Sandro Botticelli, Leonardo da Vinci e muitos outros. Na maioria das vezes servia de fundo ao tema desenvolvido pelo artista. No Renascimento a palavra surge com a finalidade de indicar uma nova relação entre os seres humanos e o seu ambiente. E assim foi no decorrer dos séculos.

Em geral, a paisagem, enquanto espaço urbano, não frequenta os “rituais da historiografia canônica”, fica mais agregada à historiografia da arquitetura, expurgando a questão artística, que nela possa estar presente.

As transformações que ocorreram no Rio de Janeiro no início do século XX, de certa forma, se repetem no início do século XXI. Se naquele momento o Prefeito Pereira Passos colocou a cidade dentro de uma nova era, agora o Prefeito Eduardo Paz fez

inúmeras alterações para receber as Olimpíadas de 2016. Criando uma paisagem que mexe com a percepção dos seus habitantes, bem como naqueles que para cá se deslocaram. Dentre as muitas transformações em diferentes pontos, destacamos as da área central que criam uma paisagem que contém poucas árvores, mas que possibilita uma diversidade de olhares pelas obras de arte que são expostas e distribuídas ao longo de seu percurso. O *Boulevard Olímpico* que vai da Praça XV de Novembro, chega a Praça Mauá e continua pelo cais do Porto integrou novas possibilidades para as artes.

Com um olhar mais aguçado percebemos que a Igreja da Candelária agora recebe um destaque maior já que sua fachada principal abre-se para o mar. Nela colocou-se uma cópia da pira olímpica, sendo o artista norte-americano Anthony Howe o responsável pelo seu design. A escultura se move pela ação do vento criando uma fascinação pelas suas formas onduladas ocasionadas por seu movimento. Howe declara que “a escultura cinética fica na interseção da inspiração artística e a complexidade mecânica” e que “a realização de uma de minhas peças apoia-se na expressão criativa, na fabricação do metal e em um processo lento de design em partes iguais” (<http://www.howeart.net/about-us.html>). Sua obra nos hipnotiza nos transporta ao infinito, nos leva a um mundo mágico.



Cópia da pira olímpica em frente a Igreja da Candelária, Rio de Janeiro, RJ. FONTE: Fotografia de Carlos Terra, 2016.

Logo a nossa frente o Museu do Amanhã se mostra radiante. Projeto do arquiteto espanhol Santiago Calatrava foi erguido no Pier Mauá e inaugurado em 2015. Propositamente se integra a essa nova paisagem permitindo que a cada passo em sua direção nossa percepção descubra formas, significados e encantamentos, já que sua estrutura metálica se mistura aos seus reflexos nos espelhos d'água ao seu redor

ou ao mar que o cerca, parecendo, em certos momentos, que ele está flutuando. Apresenta-nos formas irregulares, futuristas, um projeto de vanguarda.

O seu acervo é outro ponto que mexe com nossa imaginação... aí podemos falar do palpável, visível e o dizível. Nessa paisagem transformada o olhar também se depara com as obras de diversos artistas que ali deixaram suas marcas.

O Museu de Arte do Rio inaugurado em 2013, com seu prédio tombado e eclético – o palacete D. João VI e o modernista que antigamente era uma estação de ônibus, agora interligados também se destacam no urbanismo da região, principalmente por sua cobertura em forma de ondas, criando um movimento ondulatório que faz com que se integre ao *Boulevard Olímpico*.

Aumentada em seis vezes do seu tamanho original, a Praça Mauá, que é um marco na história da cidade, possui agora 25.000 m². Totalmente direcionada aos pedestres, é coberta por uma variedade imensa de granitos, possui iluminação a LED e um sistema de drenagem com canaletas embutidas. Os bancos distribuídos em sua área são poucos e a vegetação também nos parece insuficiente. As 58 árvores da praça não dão e nem darão conta de um local, onde na maior parte do tempo, sua temperatura beira aos 40 graus. Talvez exigência para não esconder os monumentos ali construídos, talvez para uma melhor manutenção do espaço, talvez para uma melhor ideia de limpeza. Seja como for isso deve ser pensado, pois não é aceitável ficar em pleno sol, numa cidade quente como o Rio de Janeiro, em certos momentos por horas, para ter acesso a um museu.



Museu do Amanhã e Praça Mauá, Rio de Janeiro, RJ. FONTE: Fotografia de Carlos Terra, 2016.

Os antigos pavilhões do porto também foram revitalizados e neles exposições de arte, mostras, congressos, encontros estão sendo realizados.

Nessa paisagem transformada o olhar também se depara com as obras de diversos artistas que ali deixaram suas marcas. Um deles é o Mural Etnias, considerado o maior grafite do mundo. Um painel com 2.500 m² assinado por Eduardo Kobra. Representando os cinco continentes, Kobra realiza um trabalho excepcional com cores vibrantes, onde o rosto de pessoas aos poucos foi surgindo no muro que não tinha nenhum significado. Com traços firmes e fortes o autor espelha a grandeza do encontro de nações em comemorações esportivas. Ali os cinco continentes estão representados.



Mural Etnias, Rio de Janeiro, RJ. FONTE: Fotografia de Carlos Terra, 2016.

Outra obra de destaque é da artista Panmela Castro com suas cores fortes, traços movimentados produz um painel que reveste a fachada de um prédio integrando janelas, portas e portões. Surge um rosto com um olhar penetrante e o cabelo cobrindo parte, linhas finas fazem às vezes de cílios longo, cabelos emaranhados se associam aos olhos verdes e chamativos de sua obra. Hoje a obra já começa dar sinais de desgaste. Janela alterada, cores desbotadas, aos poucos a obra de arte vai adquirindo outras características. No lado esquerdo uma fachada revestida de cartazes com fotografias hoje praticamente já não existem mais.



Painel de Pamela Castro e casa com cartazes à esquerda, Rio de Janeiro, RJ. FONTE: Fotografia de Carlos Terra, 2016



Saúde é amor, Rita Wainer, Rio de Janeiro, RJ. FONTE: Fotografia de Carlos Terra, 2017.

Logo uma cabeça com cabelos negros e esvoaçantes levados pelo vento se materializa na obra de Rita Wainer. Uma jovem que leva na cabeça um coração vermelho e que faz par com a boca também vermelha. Sua blusa listrada em azul e a cor da parede, se completa com a frase ≈ saudade é Amor ≈ te sigo esperando ≈, inserida numa fita abaixo do desenho. A obra se unifica com o suporte, a parede, onde os furos das supostas janelas parecem fazer parte da sua composição. Apesar de seu olhar melancólico e apaixonado a obra é atual, mas o novo *boulevard* é isso... “o Rio dos apaixonados”.

Trabalhos artísticos que se adequam ao espaço – o jardim, os trilhos, os edifícios – o novo com o antigo, unidos como num único *corpus*, nos fazendo refletir o quanto ganhamos num espaço antes praticamente abandonado.

O chamado Porto Maravilha foi o ponto de encontro de todas as “tribos” durante os jogos olímpicos do Rio 2016. E continua sendo um local de atração, pois se conecta com áreas importantes da cidade através do novo Veículo Leve sobre Trilho (VLT) com seus 28 quilômetros de extensão e 31 paradas.

Morros, montanhas, vegetação, mar, edificações, pessoas, todos unidos e separados, mas que no olhar do visitante, do morador, do apaixonado pela cidade se integram, se comunicam, comungam, nos absorvem...

O que nos resta refletir é até quando essas obras permanecerão ali já que esses registros tendem a desaparecer e ficar somente na nossa memória. Assim o “imaterial que está sendo encarnado” no novo espaço do centro é a ideia de que o Rio de Janeiro consegue unir a sua beleza natural, com uma concepção de cidade feita para flunar e, ao mesmo tempo, atendida com a arte contemporânea. “Os artistas e agentes no circuito da arte” estão incisivamente presentes ali, inclusive nas questões dos museus, da arte urbana e das feiras de arte, realizados nos antigos armazéns do Porto. Desejamos que as cores não se percam, as obras não sejam pichadas, o trabalho dos artistas não seja abandonado começando a ser substituído por outros meios artísticos – cartazes, panfletos, colagens, outras pinturas... O *boulevard* é de todos!

Referências bibliográficas

ABREU, Maurício de A. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1988.

BERQUE, Augustin (Org.). *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1994.

BENCHIMOL, Jaime L. Pereira Passos: um Haussmann tropical. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1990.

BERQUE, Augustin. En el origen del paisaje. *Revista de Occidente*, n. 189, fev., 1997.

BRENNA, Giovanna Rosso del. O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II. Rio de Janeiro: Index, 1985.

CHIAVARI, Maria Pace. As transformações urbanas do século XIX. In: O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II. Rio de Janeiro: Index, 1985.

DANIELS, Stephen; COSGROVE, Denis. *The iconography of landscape*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

MADERUELO, Javier. Introducción. *Revista de Occidente*, 1997.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. *R.RA'É GA*, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004.

PEREIRA, Sonia Gomes. A reforma urbana de Pereira Passos e a construção da identidade carioca. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Paris: Gallimar, 1997.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1997.